



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE CULTURA E ARTE
NÚCLEO DE ESTUDOS AÇORIANOS

ANEXO II

FORMULÁRIO DE JUSTIFICATIVA DE INDICAÇÃO Troféu Açorianidade 2016

Nome do(a) Indicado(a): Neri Andrade

Endereço: Caminho dos Açores, nº 1180 – Bairro Santo Antônio de Lisboa CEP: 88.050-300
– FLORIANÓPOLIS – SC

Município: Florianópolis

Indicação para o Troféu: Ilha das Flores

Justificativa da Indicação:

As lendas e tradições da Ilha de Santa Catarina são, desde o século 18, motivo de inspiração para pescadores e artistas nativos. Neri Andrade está nessas duas categorias e, sendo muito de cada uma, tem com a cultura açoriana uma espécie de pacto artístico. Filho de pai pescador e agricultor e de mãe rendeira, ele nasceu e se criou entre a roça e o mar, e jamais conseguiu ilustrar algo que não fizesse parte de sua vivência e ensinamentos, reais ou imaginários.

Daniel Quieroz/ND

Neri Andrade pinta os costumes, lendas e tradições de Santo Antônio de Lisboa e outras comunidades praieiras de Florianópolis

Aos 60 anos, nunca pisou em uma escola de artes ou teve alguém que lhe ensinasse técnicas. Até tentou, mas não teve o pedido atendido. Acredita que tem um dom, aflorado em 1977, quando aos 16 anos, caminhando até a casa de um amigo, viu um artista de rua pintando uma freira de máscara. “Parei para olhar e aquilo me arrepiou”, conta.

O artista de “rua” era Rodrigo de Haro, filho de Martinho de Haro, que ao ver o interesse do garoto enviou a ele uma tela, pinceis e sobras de tintas. “Eu estava trabalhando na roça, e quando cheguei minha mãe me entregou o material. Fui pra frente da minha casa, um casario de pedra erguido por escravos em 1860, e fiz o registro. Depois coloquei na parede da sala”, relata.

Algum tempo depois, Rodrigo de Haro, cliente das rendas de bilro da mãe de Neri, viu o quadro e mandou que assinasse a obra. Em 1978, Neri procurou o artista plástico para pedir ajuda com a técnica. “Ele disse que eu não precisava de aula nenhuma. Pegou um táxi comigo, comprou tudo que eu precisava para começar a pintar e me mandou para casa. No ano seguinte fiz minha primeira exposição”, descreve.

Desde então o “artista-pescador”, como fora citado em matérias de jornais que guarda carinhosamente, participou de exposições coletivas na França, Singapura, Malásia, Dinamarca e Argentina. Em território nacional, é assíduo participante de mostras naïf. Na mais importante delas, a Bienal Naïfs do Brasil, fará sua quarta participação em agosto deste ano. O resultado da seleção, que elencou 106 obras entre 726 inscritas, foi anunciado na última semana. Neri, que em 2006 recebeu o prêmio aquisição na mesma bienal pela obra “Pescaria Noturna”, teve duas obras escolhidas: “As Bruxas” e “Farinhada”. A 12ª edição do evento será aberta em 7 de agosto na cidade de Piracicaba, interior de São Paulo.

Naïf é a arte considerada primitiva, ingênua, instintiva, executada por pessoas sem formação artística ou acadêmica. É a arte que define Neri, popular, colorida, livre, inspirada no mar, nas montanhas, na gente e nos costumes.

Entre a farinha e assombrações

Bruxas voando baixo em suas vassouras de palha e a espantar cristãos e pagãos de Santo Antônio de Lisboa, comunidade onde vive Neri Andrade e que serve de cenário para a maioria de seus quadros, ilustram a tela “As Bruxas”. Feita em 2014, a inspiração para a obra veio das histórias de assombração contadas pelos pais. “A gente não tinha luz elétrica, e em noite de lua tudo que aparecia no mar ou na mata era bruxa ou lobisomem. Cheguei a sonhar com elas”, revela o artista-pescador.

Para “Farinhada”, Neri buscou na memória afetiva a motivação. “Só na família tem três engenhos de farinha, quando um para o outro produz”, diz. Na verdade, todas as obras do manezinho carregam em pedaço da sua história. “Eu pinto a minha vida. A pesca, a igreja, a bernunça, o boi de mamão, isso é nossa cultura. Daqui a pouco não vai ter ninguém para contar essas histórias que eu estou resgatando”, lamenta o pescador, que nunca pensou em comercializar sua arte e até chorou quando teve que vender uma obra querida. “Ali, a situação não me permitia ficar com ela”, explica.